

Ideologia do branqueamento e afropessimismo em narrativas orais

Nerivaldo Alves Araújo¹

RESUMO

A partir de narrativas orais de ribeirinhos das margens do Velho Chico na região de Xique-Xique, objetiva-se discutir aspectos relacionados à ideologia do branqueamento e ao afropessimismo que compõem o discurso hegemônico da elite branca europeia, o qual foi implantado no Brasil desde a colonização. Esses aportes discriminatórios e subalternizantes contaminam, ainda hoje, de modo negativo, o espaço social e são reproduzidos, muitas vezes, até de forma inconsciente, em manifestações da cultura popular, como nessas narrativas. Para ilustrar e referendar essas discussões sobre o apagamento cultural e desmerecimento a que o negro vem sendo submetido no decorrer da história, empregou-se a pesquisa qualitativa de cunho etnográfico, com utilização de entrevistas para coleta das narrativas e depoimentos, além de observação participante. Também foi realizada uma pesquisa bibliográfica com a qual se pôde aportar em pressupostos teóricos de estudiosos da área como Fanon (2008), Ricardo Ferreira (2004), Nazaré Fonseca (2006), Serrano e Waldman (2010), dentre outros.

PALAVRAS-CHAVE: afropessimismo; narrativas orais; velho chico

INTRODUÇÃO

¹ Doutor em Literatura e Cultura (UFBA), docente do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens da Universidade do Estado da Bahia (Uneb). E-mail: neriaraujo@hotmail.com

Nesse texto, busca-se, tomando como base as narrativas orais de ribeirinhos das margens do Velho Chico na região de Xique-Xique, discutir aspectos relacionados à ideologia do branqueamento e ao afropessimismo que compõem o discurso hegemônico da elite branca europeia, discurso este que foi implantado no Brasil desde a colonização. As discussões aqui apresentadas serão ilustradas e referendadas pelos pressupostos teóricos de estudiosos da área como Fanon (2008), Ricardo Ferreira (2004), Nazaré Fonseca (2006), Serrano e Waldman (2010), dentre outros. Utilizou-se, além de consistente pesquisa bibliográfica, a pesquisa qualitativa de cunho etnográfico, quando, na oportunidade, foram aplicadas entrevistas despadronizadas para a recolha das narrativas e depoimentos. A observação participante foi também muito importante na consolidação da referida pesquisa.

As narrativas orais dos povos ribeirinhos das margens do Velho Chico trazem um retrato de suas memórias e de suas identidades, constituindo-se em uma forma de manutenção de suas tradições, valores, ideologias, costumes, crenças e religiosidade. É possível perceber que as redes da memória e da tradição ribeirinha aparecem, em muitos casos, compostas por uma trama de fios carregados de afropessimismo e da ideologia do branqueamento. Ressalte-se que o afropessimismo e a ideologia do branqueamento compõem o discurso hegemônico da elite branca europeia, o qual foi implantado no Brasil desde a colonização.

Presentes no discurso hegemônico do branco colonizador até os dias atuais, elementos discriminatórios e subalternizantes – em especial quanto aos negros, seu fenótipo, sua cultura e religiosidade – têm contaminado, de modo negativo, o espaço social e são reproduzidos, muitas vezes, até de forma inconsciente, em manifestações da cultura popular, como nas narrativas apresentadas nesse texto. Tal circunstância nos reporta ao que chamamos de colonização mental ou mentes colonizadas, como versa Fanon (2008) em sua obra *Pele negra: máscaras brancas*.

INICIANDO REFLEXÕES SOBRE LITERATURA, IDENTIDADES E CULTURA DAS MARGENS DO VELHO CHICO

Podemos, então, começar refletindo a partir de alguns versos que compõem um conjunto de cantigas do samba de roda das margens do Velho Chico na região de Xique-Xique, Bahia. O versos cantam:

No Rio São Francisco
Tem duas coisinhas belas
Cabeça de curimatá
Beijinho de moça donzela

A quadra nos apresenta duas coisinhas belas do Rio São Francisco: a “cabeça de curimatá” e o “beijinho de moça donzela”. Mas não somente sobre essas duas “coisinhas belas” seria possível comentar aqui, pois há uma infinidade de belezas que compõem o cenário do Velho Chico, muito mais que essas duas e que, nesse caso, não convém falarmos de tudo aqui.

Poderíamos falar da beleza física do lugar, da beleza de sua gente e de sua cultura formada, dentre outros elementos, por uma poética oral e uma rede de narrativas que nos envolvem com os seus fios e suas tramas. Esses elementos são capazes de nos permitir pintar com palavras, sons e gestos, um belo retrato cultural e identitário do lugar e de sua gente.

As práticas culturais emergem das águas da tradição ribeirinha e, aliadas a um conjunto performático dos integrantes dessas comunidades narrativas e poéticas, são capazes de nos enredar nesse universo cultural composto de tanta beleza e encantamento, assim como fazem as sereias, em especial, a Mãe d'Água, moradora daquelas águas.

Além da “cabeça de curimatá” e do “beijinho de moça donzela”, tem a beleza de toda uma riqueza cultural, dentre elas as narrativas orais que retratam um conjunto plural de gostos, símbolos, representações, fazeres, ideologias, crenças e opiniões. E nessas tramas que tecem as redes, é possível encontrar ocorrências não tão belas, que podem ser vistas dentro do próprio texto narrativo contado pelos moradores da região.

Vale salientar, antes, que os fios que compõem as redes da memória e das identidades culturais dos povos da região são tecidos sob a forma de alinhavo,² dentro de uma trama que envolve uma série de elementos e influências, pois essas identidades não são fixas, estáveis, mas se constroem de modo provisório, numa tecedura perene, constante como também é o movimento das próprias águas do rio, no qual jogam as suas redes na labuta diária da pesca. Redes que são tecidas pelas pescadeiras e pescadores, enquanto contam as suas histórias e cantam a sua poesia, como por exemplo:

Ô linha, linhava ô
Eu também sei linhar, ô linhava
Ô linha, linhava ô
Eu também sei linhar, ô linhava

Na tecedura das identidades, há influência de diversos fatores e objetivos que acabam agindo num processo perene de construção. As identidades desses ribeirinhos trazem a marca da pluralidade e da diversidade, uma vez que se constroem a partir de uma mistura entre os principais vieses étnicos formadores da cultura brasileira: indígena, portuguesa e africana.

A memória cultural dos povos ribeirinhos tem, nessa confluência étnico-racial, sua força e riqueza, embora a visão etnocêntrica da cultura hegemônica considere isso como impureza e falta de originalidade, motivo utilizado para relegá-la a um patamar inferior.

Dentro dessa confluência étnico-racial, as práticas culturais que trazem a marca da afrodescendência se destacam nas margens do Velho Chico, pois no processo de povoamento da região, a presença do negro e de sua cultura foi

² Alinhavo é uma espécie de cosimento provisório. Alinhavar, de acordo com o *Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*, significa uma forma de costurar com pontos largos, de modo temporário, como se traçando os lineamentos gerais, um certo tipo de esboço, de preparo (WEISZFLOG, 2009). No texto, tal verbo sofre uma alteração para “linhavar”, devido ao modo em que aparece pronunciado nas cantigas (linhava), originando, ainda, outra forma verbal encontrada aqui: “linhavando”.

bastante considerável. Este processo de colonização surgiu com a construção, ao longo do rio, de currais a cada 20 léguas, aproximadamente, e deixando um casal de negros escravizados, alguns novilhos e equinos. Por volta de 1649, tendo começado pela foz do rio, Francisco Garcia D'Ávila e seus homens chegaram à região do Miradouro, município de Xique-Xique, atualmente. Vale considerar, desde já, que esta maneira de colonização da região com a utilização de fazendas e de mão-de-obra escrava veio contribuir para a forte presença, na região, da cultura afrodescendente com suas marcas étnico-raciais

Segundo Neves (2009), a presença da população negra e de sua cultura em todo o São Francisco é bastante remota e, desde o início da colonização de suas margens, os negros ocupavam uma posição de subalternidade dentro da estrutura social, mesmo depois da abolição da escravidão oficial, uma vez que continuaram em troca de escassa remuneração, a se empregar na lavoura e em pequenos ofícios urbanos.

Nas manifestações da tradição popular, as marcas da afrodescendência contribuem para seu desprestígio diante de uma elite socioeconômica e cultural, de mentes colonizadas e visão afropessimista, reafirmada pelo discurso do “branqueamento”³ (FANON, 2008). Tal fato é estimulado por parcelas da sociedade, através da mídia e da literatura, que, mesmo diante de políticas governamentais de igualdade e outras ações sociais desse porte, ainda costumam, em muitos casos, atrelar a imagem do negro e da sua cultura a estereótipos negativos, reforçando o preconceito criado no Brasil desde a época da colonização.

Essa situação tem revelado, em inúmeras circunstâncias, a consolidação de uma imagem negativa sobre o negro, o que lhe conduz, em certos casos, à negação de sua própria identidade negra. Isso, segundo Fanon (2008), resulta da opressão do colonizador sobre o colonizado, do branco sobre o negro, o qual, muitas vezes, chega a vestir a máscara branca para poder existir dentro desse contexto. É o que o próprio autor aponta como um processo de colonização mental, pelo qual todos nós passamos, sendo brancos ou negros, consolidando-se numa forma de escravidão mental do sujeito negro face às pressões sociais.

Dessa maneira, sabe-se que, conforme destacam Serrano e Waldman (2010, p. 12), tal realidade, em muitos casos, se aplica

[...] aos segmentos da população brasileira de origem africana que, desde os primórdios da colonização, com o concurso da discriminação racial, tiveram as suas práticas ancestrais abafadas, marginalizadas e/ou deturpadas, comprometendo, assim, a sua inserção plena no processo social brasileiro mais amplo.

Ainda segundo Serrano e Waldman (2010), a estereotipia negativa sobre a África e seus povos é chamada de afropessimismo, considerado como

³ Expressão utilizada por Frantz Fanon (2008) quando se refere ao desmerecimento de todos os aspectos referentes ao negro e à sua cultura em relação ao branco. Ver a obra do referido autor: *Pele negra, máscaras brancas*.

estratégia que opera com generalizações, preconceitos e falsas concepções, com o intuito de confirmar a submissão do continente, alegando que este seria incapaz de gerir seu próprio destino.

Esse afropessimismo apresenta uma coleção de imagens negativas sobre a África, como fruto de um vetor ideológico de uma Europa, que ambicionava dominá-la, arrogando-se o papel de dominante. Faz-se oportuno considerar que a palavra afropessimismo não se remete a um pessimismo como algo do negro em relação a si e à sua cultura, mas a algo externo, algo estratégico do branco/colonizador/europeu que referenda o racismo, o preconceito para com o negro e a África.

Isso se faz tão forte que muitos negros chegam a ser contaminados e acabam reproduzindo, sem atentar, esses elementos desqualificantes. Por isso, torna-se importante essa observação para que se invista cada vez mais em estratégias de descolonização. A palavra afropessimismo assume, então, nessa escrita, uma relação de significado como uma espécie de racismo, de autodiminuição.

Desse modo, mesmo não sendo composta de traços exclusivamente afrodescendentes, a cultura popular ribeirinha xiquexiquense tende a ser marginalizada. Talvez por isso, muitas vezes, é possível notar em certos discursos e determinadas práticas comportamentais de cidadãos da comunidade ribeirinha – os quais, sem perceber, acabam reforçando essa ideologia do afropessimismo por terem uma mente colonizada – elementos e atitudes que acabam desmerecendo e desqualificando seu fenótipo, sua tradição, religião e valores. Isso ocorre, porque, como se sabe:

O africano escravizado, com sua estranheza e diferença, era tanto mais aceito quanto mais negava e se distanciava de seus ritos e de sua cultura. Só na negação de si mesmo, ele podia ser reconhecido como gente, como pessoa, como humano (GÓIS, 2008, p. 87).

Tal atitude se justifica, porque, desde que aqui chegou, durante a colonização, o negro teve de aprender a conviver com situações desfavoráveis à sua cultura, religião e até mesmo à própria sobrevivência. O sistema social vem contribuindo, até os dias de hoje, com o processo de exclusão dos negros, causando, assim, desumanas condições de vida desses sujeitos. Por isso, na tentativa de não sofrer as consequências desfavoráveis dentro da sociedade, muitos afrodescendentes costumavam – e alguns, infelizmente, ainda continuam – a negar ou se afastar da sua cultura e tradição.

DESMERECIMENTO E DESQUALIFICAÇÃO DO NEGRO NAS NARRATIVAS

Após essas reflexões sobre esse processo de desmerecimento e subalternização que vem sofrendo a cultura afrodescendente no decorrer dos tempos, podemos retomar a discussão sobre circunstâncias, ocorrências não tão belas que compõem essa rede de memórias e identidades ribeirinhas.

Mesmo que isso ocorra sem que percebam, como se pode comprovar nas narrativas sobre o Nego d'Água e a Mãe d'Água, essas estratégias ainda permanecem na fala dos ribeirinhos. Muitas vezes, os valores negativos sobre o negro são repassados e incorporados dentro de um grupo social, causando o desenvolvimento de uma identidade que inclui valores estigmatizados, como se pode observar na fala de uma moradora do Mocambo dos Ventos, em parte de sua narrativa sobre o Nego d'Água: “A moça era bonitona, cabelão bom, né? Ele só gostava de mulher bonita, de gente feia não, ele é negro preto e não gosta de preto não. A moça era morena, bonita do cabelão na cintura”. Na sequência, a versão completa da fala da moradora sobre o Nego d'Água:

Tem gente que já viu ele lá no Brejo, a cabecinha dele é assim redonda [explicando com as mãos o formato da cabeça], mas não tem um fio de cabelo. Ele é pequeno assim. Diz que se a gente pedisse peixe a ele, ele dava. Os velho de primeiro, dizia que se fosse pescar e jogasse um pedacinho de fumo assim dentro d'água, você tomava pauta⁴ com ele e ganhava peixe. Eu nunca conheci ninguém que viu ele, agora diz que uma mulher foi tomar banho e passaro a mão nela. Ela saiu daqui e foi morar em Xique-Xique [referindo-se à mesma mulher da versão anterior]. Vejo dizer que era ele [o Nego d'Água]. Era num fundão que tinha ali. A moça era bonitona, cabelão bom, né? Ele só gostava de mulher bonita, de gente feia não, ele é negro preto e não gosta de preto não. A moça era morena, bonita do cabelão na cintura.

A própria senhora, de cabelos crespos, em seu depoimento, como se observa, reproduz o discurso desmerecedor e desqualificante em relação às qualidades físicas do negro. Ela deixa claro, mesmo sendo negra, que mulher bonita é a que tem cabelo liso (cabelo bom), já que cabelo crespo, para ela, por influência da ideologia afropessimista, é cabelo ruim. Para ela, ser bonita significava aproximar-se das características, do fenótipo branco. Outro discurso comum que denota esse desmerecimento, é quando afirma que o Nego d'Água é negro preto, mas não gosta de preto não. Como se sabe, era comum e, em muitas circunstâncias ainda ocorre, o fato de o negro, quando possível, procurar casar com um branco com o objetivo do branqueamento, da aceitação social.

O discurso advindo da cultura do branco europeu é reproduzido na narrativa. Sem que muitos possam perceber, há uma fixação de valores que desfavorecem a cultura e os povos afrodescendentes, quando ao narrar, afirmam que o personagem é um negro, mas que não gosta de negro, de gente feia e só gosta de gente bonita. Nesse caso, a ideologia do branqueamento está implícita, pois a expressão reflete a necessidade de se limpar o sangue através do casamento com pessoas mais brancas, uma prática comum. O discurso racista se estabelece e se referenda pelo próprio negro no momento em que ele mesmo apresenta o negro como gente feia e o branco como gente bonita. Os estereótipos e preconceitos circulam dentro da narrativa, sem que o narrador, afrodescendente, perceba e questione tais marcas.

⁴ Significa fazer amizade, conquistar.

E, de alguma forma, eles incorporam-se à violência explícita contra a população de afro-descendentes, pelo uso de termos pejorativos, de brincadeiras usadas aparentemente sem maldade ou da rejeição explícita a traços do corpo negro. (FONSECA, 2006, p. 35).

No discurso da moradora, fica estabelecida a pessoa negra como feia e a branca como bonita, considerando ainda o cabelo do branco como bom e o do negro como ruim. Esses traços, que continuam a dar legitimidade a essa desvalorização do afrodescendente em relação à cor da pele e ao tipo de cabelo, ainda estão enraizados entre nós e têm a sua origem numa sociedade escravocrata, constituída de senhores brancos e de escravos negros. Fica comprovada assim, a deformação das qualidades do negro que foi implantada pelo colonizador europeu e que dificulta a valorização e o reconhecimento da identidade afrodescendente por toda a sociedade, até por si mesmos.

Quando os ribeirinhos narram também sobre a Mãe d'Água, é possível perceber a ideologia do branqueamento impregnada no seus discursos. O desmerecimento do fenótipo negro e a exaltação das características do branco ficam latentes no depoimento de um senhor morador da região:

A Mãe d'Água, quando a gente via, mergulhava. Era assim: cabelão bom, a metade era de peixe e carne, sabe? Pra baixo era peixe e pra cima era carne. Ela era roxa, da minha qualidade, mas o cabelo não era ruim como o meu, era bom, aqui assim [mostrando com as mãos, ser na cintura].

Para ele, a Mãe d'Água era bonita, porque tinha o cabelão comprido liso (bom) na cintura, como outros também relatam. Para eles, cabelo crespo era ruim, era feio, e a cor da pele escura também não era apreciável. Em muitos depoimentos como o desse senhor, nota-se que os moradores costumam usar a expressão “cor roxa” para não dizer negra, para denotar que era um cor mais clara, por isso era mais bonita. Quanto mais escura fosse a pessoa e cujos traços físicos se afastassem do padrão branco, menos “bonita” era considerada. O referido senhor também, em sua fala, não se considera de cor negra, mas se diz de qualidade “roxa”.

Vale ressaltar que esse desmerecimento da cultura e da imagem do afrodescendente perpetua-se em nossa história há muito tempo, também sob o amparo do clero. Segundo FERREIRA (2004), o homem africano e seus valores foram associados a qualidades negativas pelo europeu desde antes do processo de colonização do Brasil, e a Igreja Católica era a agência legitimadora dos valores e práticas humanas que iam de encontro ao negro e à sua cultura, com a intenção de regulamentar as ações dos cruzados e dos colonizadores. Para reforçar tal acepção e entender como se consolida, desde a Idade Média, o uso dessas práticas, traz-se a bula *Romanus Pontifex*, de 8 de janeiro de 1454, do Papa Nicolau V, a esse respeito:

Não sem grande alegria chegou ao nosso conhecimento que nosso dileto filho d. Henrique, incendiado no ardor da fé e zelo da salvação das almas, se esforça por fazer conhecer e venerar em todo o orbe o nome gloriosíssimo de Deus, reduzindo à sua fé não só os sarracenos, inimigos dela, como

também quaisquer outros infiéis. **Guinéus e negros tomados pela força, outros legitimamente adquiridos** foram trazidos ao reino, o que esperamos progrida até a conversão do povo ou ao menos de muito mais. Por isso nós, tudo pensado com devida ponderação, concedemos ao dito rei Afonso a plena e livre faculdade entre outras, de invadir, conquistar, subjugar a quaisquer sarracenos e pagãos, inimigos de Cristo, sua terra e bens, a todos reduzir à servidão e tudo praticar em utilidade própria e dos seus descendentes. Tudo declaramos pertencer de direito in perpetuum aos mesmos d. Afonso e seus sucessores, e ao infante. Se alguém, indivíduo ou coletividade, infringir essas determinações, seja excomungado [...] (RIBEIRO, 1995 apud FERREIRA, 2004, p. 41, grifo nosso).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, pode-se concluir que a ideologia do branqueamento e do afropessimismo está impregnada ainda em muitos discursos e em muitas práticas da sociedade brasileira. O processo de colonização mental implantado em nossa sociedade foi muito bem alicerçado e os seus valores e práticas ainda se encontram enraizados em muitas mentes, inclusive as que são contrárias ao racismo e às discriminações culturais. Sem perceber, muitos acabam agindo de modo preconceituoso, silenciador e negando a si mesmo, não se reconhecendo como uma vítima que, em muitos casos, sofre as consequências desses atos de violência contra o negro, sua beleza, sua história, sua sabedoria milenar.

Contudo, ressalte-se, mais uma vez, que essa estereotipia afropessimista não se dá pelo fato de o negro se achar inferior e carregar essa visão em todos os momentos e circunstâncias de sua vida. Isso ocorre em determinados momentos como esses apresentados nesse estudo, sob influência da ideologia do branqueamento. E esse afropessimismo também está presente na fala dos brancos, os maiores ratificadores desse discurso, mesmo que de forma disfarçada ou indireta. Por toda a força desse tipo de discurso, que como já sabemos, se estabeleceu por diversas razões e objetivos desde a colonização, o negro, em casos como esses aqui apresentados, acaba se traindo, sem perceber, no momento em que reproduz tais ideologias.

Pode-se considerar também nessa conclusão que, aliada à toda uma beleza do lugar, desde os aspectos físicos até os culturais, narrativas como essas trazidas nessa escrita, comprovam a presença de uma trama afropessimista e desqualificante nas redes da memória e das identidades culturais ribeirinhas. É preciso, portanto, investir em estratégias de valorização e de oportunização à cultura negra para que se possa, pelo menos de forma gradativa, ir apagando a ideologia do branqueamento que ainda habita no subsolo de nossas mentes colonizadas e que, quando menos nos damos conta, tais marcas ideológicas acabam escapando.

Escritas como essa, estudos mais aprofundados sobre a cultura e a literatura negras, sobre as leis 10.639/2003 e 11.645/2008, eventos acadêmicos e culturais que proporcionem a divulgação e a discussão sobre tais

elementos temáticos contribuirão, certamente, para um redimensionamento do olhar social, mesmo que, nesses últimos tempos, estejamos passando por turbulências e retrocessos. Mas ficará sempre a coragem, o incentivo à luta, e tantas outras práticas tão pertencentes ao povo negro.

Por isso, antes de sairmos por aí proferindo expressões como “denegrir”, “ovelha negra”, “a coisa ficou preta” e outras, precisamos atentar para percebermos o quanto nossas mentes ainda podem estar contaminadas pelo afropessimismo, pela ideologia do branqueamento.

REFERÊNCIAS

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERREIRA, Ricardo Franklin. *Afro-descendente: identidade em construção*. São Paulo: EDUC; Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Literatura negra, literatura afro-brasileira: como responder à polêmica. In: SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazaré (Orgs.). *Literatura afro-brasileira*. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais, Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

GÓIS, Aurino José. O diálogo inter-religioso entre o cristianismo e as tradições afro-brasileiras. In: AMÂNCIO, Maria da Costa (Org.). *África-Brasil-África: matrizes, heranças e diálogos contemporâneos*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, Nandyala, 2008.

NEVES, Zanoni. *Rio São Francisco: história, navegação e cultura*. Juiz de Fora, MG: Ed. UFJF, 2009.

SERRANO, Carlos; WALDMAN, Maurício. *Memória D'África: a temática africana em sala de aula*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

WEISZFLOG, Walter. (Ed.). *Michaelis Moderno Dicionário Da Língua Portuguesa*. Coordenador Rosana Trevisan 1998-2009. [São Paulo]: Editora Melhoramentos, 2009. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues>>.